

GOA

*História de
uma filha*

MARIA AURORA COUTO

FUNDAÇÃO
ORIENTE

ÍNDICE

Prólogo	9
CAPÍTULO 1. E Fez-se Terra	19
CAPÍTULO 2. Regresso a Casa.	43
CAPÍTULO 3. A Persistência da Memória.	63
CAPÍTULO 4. Território Disputado	91
CAPÍTULO 5. Conversão: A Ofensiva	III
CAPÍTULO 6. Síntese	145
CAPÍTULO 7. Terra, Língua, Identidade	169
CAPÍTULO 8. Fiéis à sua Fé	195
CAPÍTULO 9. Transformações.	245
CAPÍTULO 10. Mente e Alma, Letra e Música.	279
CAPÍTULO 11. Mito e Realidade	313
CAPÍTULO 12. A Nova Elite	341
CAPÍTULO 13. <i>La Grande Illusion</i>	359
CAPÍTULO 14. Alvoradas e Becos Sem Saída	381
Epílogo	409
Agradecimentos	421

PRÓLOGO

Este livro é uma demanda pessoal, uma tentativa de compreender a história da minha comunidade e as transformações ocorridas no interior da sociedade goesa desde a chegada dos portugueses em 1510. Eu nasci em Goa, mas só aí vivi de forma esporádica até ao ano 2000, quando regresssei para aí viver permanentemente. Instalei-me na aldeia do meu marido, Aldona, na casa em que ele, a mãe e várias gerações antes dela nasceram. Situada nas margens do rio Mandovi, no norte de Goa, a sete quilómetros da principal auto-estrada para Bombaim, Aldona é uma das duas maiores aldeias do Estado de Goa.

Desde que comecei a sentir a necessidade vital de escrever sobre Goa, que a minha memória e as minhas observações provêm sempre da casa em que nasci e das muitas casas de familiares. Talvez seja justo, então, que as minhas percepções sobre o que significa ser goês estejam a ser escritas quando estou novamente numa velha casa goesa. Os arquitectos que visitam esta casa costumam fazer observações muito pertinentes sobre o modo como a arquitectura doméstica exprime o carácter e a história de Goa. As casas goesas ilustram a fusão do urbano com o rural, da civilização e da cultura com a exuberância bravia da natureza, o sentido de uma sequência narrativa, de uma história que evoluiu ao longo do tempo. A casa em que o meu avô paterno nasceu, por exemplo, abre-se para uma extensão sem limites onde, num dia limpo, o verde dos campos se dissolve no azul do céu. O aperfeiçoamento das técnicas agrícolas do passado está mesmo à nossa porta; tudo isto em harmonia com a simetria da enorme mansão.

A casa em que agora vivo é uma casa antiga, construída por fases ao longo de vários séculos, e transporta consigo uma enorme carga de História, emocional e cronológica. Na sua origem, a entrada abria-se para uma paisagem de campos de arroz. A presença de marmeleiros da Índia, associados ao culto de Shiva, sugere o passado hindu da família. Os pilares de laterite, sem qualquer arco mas com telhado inclinado, revelam a antiguidade da casa. Uma mistura de cal e argamassa liga o chão de excremento de vaca e lama às grossas paredes de pedra que protegem o espaço habitado

do sol e da chuva. O pátio tradicional não se situa ao centro, mas ao longo da traseira da casa: um recinto murado com um poço fundo, rodeado de flores de abolim e uma jaqueira alta que, no mês de Maio em que escrevo, está carregada de frutos. Maio é também o mês em que aparecem as primeiras mangas. Ao acordar de manhã, tenho ao nível dos olhos um ramo com nove mangas que pendem juntas como um cacho de uvas gigantescas.

As casas goesas narram a passagem da História e a casa onde vivo não é excepção. Ao longo dos séculos, a casa foi acompanhando a ascensão social da família. Reorganizou-se, remodelou-se, adequou-se aos mutáveis padrões de vida gerados pelas mudanças políticas, religiosas e culturais. Já me têm dito que o encanto da casa onde vivo reside na sua vitalidade, na personalidade dos seus traços. Na verdade, a casa mudou literalmente de rosto quando a influência portuguesa começou a deixar a sua marca na arquitectura goesa. A entrada principal original, situada na frente da casa, transformou-se na porta traseira, e agora chega-se à casa, que fica numa encosta, pelo cimo da colina e não pela base. As divisões amplas, os tectos altos e as portadas altas receberam de braços abertos os novos estilos de vida. A secção dianteira do andar superior, que tinha sobrados de madeira, foi revestida de mosaicos a tempo do casamento de uma filha única, a minha sogra, Anunciação Soares. (Foto 1)

Embora os antepassados da minha sogra fossem hindus e falassem concaním, a casa em que ela nasceu era uma casa católica, talvez já desde os finais do século XVI. É provável que os antepassados masculinos tenham tido acesso à instrução portuguesa desde o século XIX, mas dentro de casa só se começou a falar português (a par do concaním) no início do século XX. O inglês só chegou em 1927, com a vinda de um genro educado na Índia britânica.

Os meus antepassados vêm das aldeias da região de Margão, no sul de Goa, dois rios para lá do sítio onde agora vivo. Agora os rios têm pontes a cruzá-los, mas houve um tempo em que Margão parecia ficar a anos-luz de Aldona. Os casamentos entre famílias separadas por rios eram raros até aos finais do século XIX. As aldeias do sul de Goa contam uma história completamente diferente de vida urbana, alta cultura, maior grau de europeização e uma forma mais austera de cristianismo. Parece-me que a vibrante cultura popular do norte de Goa revela um sentido de identidade menos marcado pela experiência colonial do que as aldeias do sul, onde houve um maior peso da educação colonial jesuíta. Comunidades agrícolas activas no passado, as aldeias nortenhas foram das primeiras a serem expostas à

educação inglesa e à migração para a Índia britânica e, mais recentemente, para os países do Golfo.

Nasci na casa do meu trisavô (bisavô materno do meu pai). O meu bisavô, nascido em 1800, era um funcionário respeitado da burocracia portuguesa. Na elite de Goa, a posse de terra e a proximidade do poder criaram uma sociedade mais urbana e um estilo arquitectónico ostentatório do estatuto social e da influência dos donos. A elegância dos pilares decorados, das portadas e tectos emoldurados pela filigrana da talha, era aligeirada pela beleza natural de dois pátios, dos quais recordo os muros por onde corria uma trepadeira bétel, revestidos de musgo e fetos, e onde vezes sem conta procurava refúgio das tensões que havia no interior da casa. Tenho sentimentos ambíguos em relação à casa onde nasci, por razões que são uma mistura complexa entre alegrias e traumas de infância. Afecto e rejeição acompanham todos os meus pensamentos; a verdade é que, mesmo em adulta, basta-me passar pela casa ou entrar, para a ferida voltar a abrir. Como o meu pai parece ter optado por abandonar a grande narrativa da família e escrever a sua própria tragédia, este livro é também uma tentativa para decifrar a história pessoal dele no contexto da História de Goa.

A minha ideia de Goa e o meu sentimento de comunhão com o seu solo brotam exclusivamente do interior das paredes da casa da minha sogra, e dos meus passeios ao longo do rio e da natureza bravia que o rodeia. As razões da minha pertença, no entanto, têm pouco a ver com as da bíblica Rute, que viajou para muito longe da casa ancestral, para a casa do marido, adoptou uma identidade e um modo de vida diferentes, e negou o seu sentido de identidade para o diluir numa identidade de esposa. A profunda paz dos campos, os sinos das igrejas e dos templos hindus, as celebrações familiares que acompanham o ritmo do calendário agrícola, a partilha inter-religiosa do espírito comunitário e do culto – são coisas que revivo todos os dias, memórias preciosas que levo comigo quando estou longe de Goa e que hoje aprecio ainda mais, quando a existência deste tipo de identidade comunitária se encontra ameaçada, e não apenas pela globalização, pela industrialização ou pelo turismo, tendências que temos de combater. A ameaça vem, também, das forças mais insidiosas que operam na nossa sociedade. A sociedade goesa, outrora traumatizada pelo colonialismo, sobreviveu graças à manutenção de tradições e espírito próprios, e forjou uma identidade singular. Trata-se, no entanto, de uma identidade frágil, que poderá facilmente tornar-se vítima dos caciquismos eleitorais, que promovem e provocam divisões e subdivisões entre castas e credos.

O meu questionar começou, porém, há já várias décadas. Foi mais provocado pelas percepções de Goa (e do cristianismo goês) elaboradas por não-goeses, do que por dúvidas que ensombrassem a minha própria identidade pessoal. Cresci com um sólido sentido das minhas raízes indianas, sendo goesa e católica praticante. Nunca senti em mim qualquer conflito, excepto quando, em Goa, em 1962, tive de enfrentar as inseguranças exacerbadas pela campanha portuguesa, que declarava que o cristianismo corria perigo e que o novo governo seria de hindus e para hindus. Coube a Nehru e ao primeiro governo civil afastar esses medos. No entanto, agora que procuro as respostas às perguntas que vim pondo a mim mesma desde essa altura, fico assoberbada com a dificuldade da realidade de hoje. Estamos num tempo em que, parafraseando Albert Camus, o crime veste a pele da inocência, numa curiosa inversão peculiar ao nosso tempo, em que é a inocência que se deve justificar.

A minha busca da compreensão do passado levou-me a Lisboa, onde tive uma conversa extremamente esclarecedora com o advogado dr. Xenocora Camotim – um nome que é a versão portuguesa de Shankar Kamat –, conhecido em Lisboa como Priti Camotim. Fui conduzida a um escritório revestido de livros, de um conforto feito de fundos cadeirões de couro, numa casa de tectos altos e portadas decoradas, evocadores de uma Lisboa antiga. Era um septuagenário alto, de feições aquilinas e atraentes, com um charme sustentado pela erudição. Tinha-se preparado mentalmente para uma conversa em inglês e ficou encantado quando comecei a falar em português e concaním. «Que grande alívio», disse-me, quase batendo palmas, deliciado, e olhando para mim com um meio sorriso, «somos ambos moscas apanhadas na mesma garrafa.» Sentámo-nos para a nossa conversa sobre a conversão e eu disse-lhe que a minha maior preocupação se prendia com a interpretação histórica da Inquisição, que teria mais a ver com colonialismo e poder do que com o cristianismo enquanto religião, e com o facto de, apesar disto, cristianismo e império serem agora tratados como uma e a mesma coisa. Julgo que, no passado, o pânico alimentado pelo boato e pelo «diz-que-disse» deve ter prevalecido e deve ter estado na origem da corrida ao baptismo. Abundam histórias de poluição deliberada dos poços, histórias que alimentaram o medo da contaminação e do ostracismo. Parece evidente que a conversão, nesses tempos, não era uma questão de decisão individual. As fontes sugerem que, em muitos casos, a decisão foi tomada pelos chefes da aldeia, os *gãokares* – anciãos dentro da casta e do clã, líderes da comunidade. E eram eles que conduziam o grupo à clandestinidade ou à igreja.